

BIBLIOTECA HUMANA – PESSOAS QUE SÃO LIVROS: POR UMA DIVERSIDADE HUMANA DE LEITURAS

Viviane Almeida

v_de_almeida@hotmail.com

Maria João Hortas

mjhortas@eselx.ipl.pt

Escola Superior de Educação

<https://doi.org/10.34629/ipl.eselx.cap.livros.113>

Introdução

O presente artigo pretende demonstrar a efetividade de uma metodologia de inovação social na desconstrução de estereótipos, estigmas e comportamentos preconceituosos associados a pessoas ou territórios. Explicita-se, enquanto comportamento discriminatório, a imagem de balizas que nos norteiam (Bosi, 1992), riscando um perímetro, um território, ou uma linha, se preferirem, de separação entre o que é meu e o que é do outro. Bosi é igualmente contundente quando nos impele à reflexão.

Embora tenhamos a ilusão de participar intensamente desse mundo único que encerra os seres viventes, conhecemos, na verdade, um reduzido espaço dentro dele, e um caminho familiar pelo qual nos guiamos e onde repetimos nossos passos, entre a infinidade de caminhos oferecida a outros seres (Bosi, 1992, p.112).

Neste espaço “reduzido” e mediado por “balizas” organiza-se a maior parte das relações humanas. Assim, a referência a pedra no caminho –

uma alusão à poesia de Carlos Drummond de Andrade – abre espaço para a reflexão. De que maneira lidar com esta “pedra”? Não esgotando as possibilidades, propomos algumas: (i) Poderá ser contornada?; (ii) Poderá ser removida?; (iii) Poderá ser posta no bolso?; (iv) Poderá ser levada para casa e transformada em um objeto?

A leitura do mundo – já dizia o tão atual Paulo Freire – precede a leitura convencional. Leituras e leitores deverão se encontrar, sempre, num movimento de mútua interação e aprendizagem. Seguindo este pressuposto, a mediação entre livros e leitores deve estimular e perseguir pistas inclusivas.

A mediação enquanto processo que prepara *os sujeitos para o diálogo e a diversidade cultural*, caracteriza-se pelo seu “potencial de alterar fronteiras, com o seu ir e vir, transitando com informações e valores” (Velho, 2001, p.27). Neste sentido, a *Mediação Intercultural* “assume-se como forma de regulação de conflitos e adequação institucional, entre atores sociais ou institucionais etnoculturalmente diferenciados” (Silva, Morgado & Arau Ribeiro, 2016, p.14).

É neste âmbito que situamos o tema deste artigo: pessoas que são livros e livros que circulam para uma diversidade de leituras potenciadoras de conhecimentos e valores para uma leitura mais inclusiva do mundo.

Mas não serão humanas todas as bibliotecas? Certamente deveriam ser entendidas como espaços (vivos) do encontro entre leituras e leitores. Mas o que propomos é uma ampliação desta proposta: uma Biblioteca Humana (BH) onde as pessoas são livros.

As pistas para a integração que trazemos para este artigo resultaram da intervenção desenvolvida no âmbito do projeto de mestrado: “Equipamentos culturais como mediadores na intervenção comunitária: a Biblioteca Humana e a biblioteca de Marvila em relação por uma comunidade”¹. O território de implementação do projeto de intervenção, subsidiário da dissertação referida, é Marvila, também ele um território em reconfiguração, e dois equipamentos contíguos, que se *retroalimentam*, a Escola e a Biblioteca – equipamento cultural pertencente à Rede de Bibliotecas de Lisboa. Um espaço projetado para a integração social, a primeira biblioteca âncora da Rede de Bibliotecas de Lisboa.

A problemática que orienta o presente artigo objetiva a compreensão dos efeitos da BH, enquanto estratégia de dinamização de um equipamento cultural, a Biblioteca de Marvila, na desconstrução de estereótipos, estigmas e comportamentos preconceituosos associados a pessoas ou territórios de vulnerabilidade social.

Na resposta a esta problemática, definiram-se dois objetivos principais: (i) compreender a BH como uma estratégia potenciadora de vivências de alteridade positivas assentes no respeito e valorização da “história prévia” de cada um; (ii) analisar os efeitos das dinâmicas asso-

¹ Disponível em <http://hdl.handle.net/10400.21/9659>

ciadas à BH, na projeção da Biblioteca de Marvila como um equipamento cultural que acolhe e se constrói com uma comunidade.

O percurso que, como leitores das dinâmicas vividas na BH, trazemos para análise organiza-se em três etapas. Na primeira, *Livros que caminham, a Biblioteca Humana* – apresenta-se a BH enquanto metodologia de inovação e integração social. Segue-se a etapa *Livros caminhando na Biblioteca de Marvila*, em que se explicita o desenvolvimento do projeto, as linhas que o nortearam, a escolha dos livros que caminharam, as opções metodológicas para analisar as vivências dos leitores que os requisitaram e a exploração dessas vivências, desenhando as respostas aos objetivos que orientam este artigo. *Quem vê caras, não vê profissões e Não julgue o livro pela capa* são as duas sessões de leitura que convocamos para a presente análise. O percurso termina com algumas *Notas finais*, retomando a problemática e os objetivos que elegemos para a sua (des)construção.

Livros que caminham, a Biblioteca Humana

A *Biblioteca Humana* é uma metodologia de inovação social de origem dinamarquesa, implementada em mais de 80 países. A fórmula é simples: livros humanos são requisitados por leitores também humanos para uma conversa ou leitura durante meia hora. Mas o que esta metodologia tem de tão especial? É uma potente ferramenta para a integração social e educação não-formal. Os livros humanos são indivíduos, objeto de discriminação pelas suas histórias de vida e, ao editarem a sua história, serão “lidos” por leitores num enquadramento recetivo.

Quando Ronni Albergel², inventor da “Biblioteca Humana”, coloca a questão desencadeadora: “Como poderemos nos entender, se não tivermos a oportunidade de conversar uns com os outros?”, a simplificação da fórmula de resolução de conflitos interpessoais parece óbvia e é neste contexto que surge esta estratégia inovadora.

A *Biblioteca Humana*, na qualidade de conceito em análise, poderá ser entendida como “um lugar onde perguntas difíceis são esperadas, apreciadas e respondidas”³.

A primeira *Menneske Biblioteket* foi organizada em 2000 no Roskilde Festival. A ideia original foi desenvolvida por uma ONG dinamarquesa, a *Stop the Violence* (Foreningen Stop Volden) como uma das atividades oferecidas aos participantes do festival. Baseada em Copenhague, *Stop the Violence* foi uma iniciativa que desejava educar jovens a serem ativos na prevenção da violência juvenil. Nesta primeira experiência,

² A designação “inventor” é a original escolhida e dialoga com o conceito de inovação social que permeia o presente artigo científico. Ronni Albergel et al., “Human Library FAQ 2016.”

³ Consultado em: human.library.org

75 “livros” voluntariaram-se e o público foi muito recetivo ao conceito (2011).

Reconhecida em 2003 pelo Conselho da Europa pelo seu caráter inovador, a *Biblioteca Humana*⁴ “endereço o tema do preconceito sem enfatizar um em específico sobre os outros. Ao mesmo tempo, consegue de forma bem sucedida navegar entre as sensibilidades e idiossincrasias que acompanham o trabalho contra o preconceito” (COE, 2011, p.10).

Numa *Biblioteca Humana*, as pessoas “tornam-se” livros que são “emprestados” para uma conversa de trinta minutos. Esses “livros”⁵ humanos, geralmente têm uma “história prévia” pontuada por episódios de estereótipo, preconceito e discriminação e cuja partilha com um leitor capacita-o não só para este se libertar deste ciclo vicioso, mas também, e talvez mais importante, empoderar-se, transformando a sua fragilidade em fortaleza.

Com o objetivo original de combater o preconceito, o estereótipo e a discriminação, a *Biblioteca Humana* é um movimento mundial para a transformação social cujo objetivo principal é promover o respeito pelos direitos humanos e dignidade humana enfrentando o preconceito através da promoção de diálogo construtivo sobre estereótipos que frequentemente levam a discriminação contra indivíduos ou grupos (COE, 2011)⁶. Na construção deste diálogo, projeta-se a desconstrução de preconceitos, a partilha, o conhecimento de si e do outro.

Com cerca de vinte anos de implementação em aproximadamente 80 países, a *Biblioteca Humana*, poderá ser entendida como um projeto que dialoga com os conceitos de Educação Social e Intervenção Comunitária. Consubstancia-se como um efetivo instrumento de transformação social e melhoria na qualidade de vida das pessoas envolvidas, assente num cooperativo processo de aprendizagem para “livros” e leitores.

Ressalvamos a subtileza envolvida neste projeto – que aparentemente nos parece natural pela sua matéria-prima constitutiva: pessoas e suas histórias reais – mas é necessário pontuar que fortaleza e debilidade se cruzam: um equilíbrio, por certo, complexo de manter. Vejamos, por exemplo, esta recomendação do Guia do Conselho da Europa: “Certifique-se que todos os membros da sua equipa partilhem dos valores da *Biblioteca Humana* e que não abandonem, no último momento, e não queiram trabalhar com um grupo particular (e.g homossexuais ou imigrantes)” (COE, 2011, p.33).

4 O Conselho da Europa renomeou a proposta como “Living Library”, mas para efeitos do presente artigo as duas designações serão discutidas.

5 Alguns títulos de “livros”: Ativista em Direitos Animais; Exilado; Negro; Mulher loira; Cego; Nasc do de novo; Católico; Deficiente físico; Ex- Viciado em Drogas; Ex- Neo Nazi; Ex-Prisioneiro; Feminista; Homossexual; Sem Abrigo; Judeu; Lésbica; Muçulmano; Padre; Polícia; Rabino; Desempregado

6 Consultado em: <https://rm.coe.int/16807023dd> in <https://www.coe.int/en/web/youth/living-library>

Livros caminhando na Biblioteca de Marvila

Anteriormente, Marvila marcava posição entre a Baixa, a “zona de transição” e os núcleos suburbanos industriais mais distantes. Agora, a sua posição na metrópole joga-se entre o Parque das Nações e a Baixa, entre Chelas e o porto de Lisboa e o Tejo (Nunes & Sequeira, 2012, p. 11). (...) onde convivem grupos de rap, produtores de música eletrónica, grupos de dança africana e música cigana. Também por todo o território se encontram expressões artísticas no espaço público, da *street art* às esculturas e outras intervenções análogas. (CML, 2017).

É neste território de convergências e divergências que o projeto *BH* ganha forma e dinâmica, em fevereiro de 2017, no espaço da Biblioteca de Marvila. Para a partida estavam reunidas três condições fundamentais:

- inovação, a Biblioteca de Marvila, será a primeira biblioteca pública portuguesa a acolher o projeto com potencial para replicabilidade em rede;
- consonância de intenções com a mensagem institucional das Bibliotecas de Lisboa (as pessoas fazem a biblioteca) e da Biblioteca Humana (os livros são pessoas e a leitura consiste em uma conversa);
- possibilidade de intercomunicação da Biblioteca Humana com o público do projeto “Vidas e Memórias de Bairro” e demais projetos da biblioteca como o da Cultura Hip Hop.

As potencialidades identificadas na Biblioteca de Marvila, enquanto espaço disponível para o acolhimento de uma comunidade diversa, frequentemente associada a estereótipos e preconceitos emergentes da imagem que a história do próprio bairro transporta para o exterior, desafiaram a intervenção. Uma intervenção desenhada para a desconstrução de estereótipos e projeção da comunidade no exterior, através da Biblioteca.

O desenvolvimento do projeto foi norteado por dois objetivos principais: (i) promover a Biblioteca de Marvila como um espaço de vivências de alteridade positivas assente no respeito e valorização da “história prévia” de cada um; (ii) reforçar o lugar da Biblioteca de Marvila como um equipamento cultural que acolhe e se constrói com uma comunidade.

O projeto *Biblioteca Humana* enquanto estratégia para a dinamiza-

ção do espaço da Biblioteca de Marvila, num contexto de articulação entre recursos e objetivos, segue os princípios orientadores propostos por Guerra (2010):

- Inovadora, conforme os pressupostos da inovação social os atores, intervêm em rede de forma participativa e sustentada, gerando novas soluções para velhos constrangimentos (preconceito, estereótipos e discriminação);

- Inclusiva, promovendo a inclusão social e emancipação dos indivíduos, através da metodologia da “Biblioteca Humana”, transformando as condições de desenvolvimento do território de Marvila;

- Educativa, com um forte componente educacional, a “Biblioteca Humana”, pretende contribuir, em um enquadramento não formal, para o combate ao preconceito, estereótipo e discriminação;

- Proximidade, criando condições operacionais (horário, dia da semana, divulgação efetiva, acolhimento), para permitir o envolvimento da população no projeto, em suas múltiplas possibilidades: “Livros”; leitores, voluntários.

Pela consonância, entre inovação social (primeira biblioteca âncora) e vulnerabilidade social do território, a *BH*, na qualidade de estratégia inovadora no combate ao preconceito, estereótipo e discriminação, tem potencialidades para a modificação das condições de vida da população envolvida. Intenções que estão em sintonia com o objetivo principal da rede municipal de bibliotecas de Lisboa (BLX): oferecer “serviços de biblioteca com base na igualdade de acesso para todos, sem distinção de idade, sexo, religião, nacionalidade, língua ou condição social”⁷, através da disponibilização de recursos de informação e conhecimento para a promoção da literacia e da leitura entre os cidadãos de Lisboa.

Neste sentido, a Biblioteca de Marvila pretende “afirmar-se como espaço inclusivo, de apoio à experimentação e à criação, aliando o tradicional ao alternativo, refletindo a vivência intercultural da comunidade local mas aberto à cidade.”⁸

Em antevisão, o documento “Imigração, Diversidade e Política Cultural em Lisboa” (Amaro, Pereira & Esteves, 2011) concluiu que:

O Programa “Biblioteca XXI” constitui assim, uma aposta na reestruturação tão necessária da rede de bibliotecas municipais, na sua modernização e adaptação às comunidades envolventes, às características dos bairros onde se inserem, como elementos de integração social e cultural, complementos ao sistema educativo (escolas dos bairros em causa) e como espaços de convivência e fruição cultural e artística. A implementação deste programa, tendo em conta a sua concepção e objetivos propostos, poderá vir a tornar-se, e

⁷ Consultado em: <https://blx.cm-lisboa.pt/publicacoes/>

⁸ Consultado em power point disponibilizado pela coordenação da Biblioteca de Marvila

deseja-se que assim o seja, numa boa prática da autarquia integrada na promoção da interculturalidade. (pp. 58-59)

Esta linha de condução, que deve ser assumida e encontrar eco no terreno, reconhece a biblioteca enquanto equipamento cultural de intervenção por excelência⁹, com o desígnio de gerir as suas expectativas com as das comunidades envolventes.

Na observação do território, ao qual a Biblioteca de Marvila está alocada, percebeu-se uma contiguidade com um outro território educativo, a Escola. Potencializando esta contiguidade desencadeou-se a primeira experiência de implementação da *BH*. Avaliando a sensibilidade e receptividade da escola à ideia de uma biblioteca em que as pessoas são livros, a escola constituiu-se como parceira. Mobilizaram-se algumas turmas para vivenciar a proposta, dando continuidade à temática em discussão no momento: *as profissões*. Os momentos vividos na *BH*, e que analisamos de seguida, retomam duas sessões que mobilizaram leitores distintos: os alunos do 9.º ano da Escola da freguesia de Marvila e o público em geral¹⁰, os leitores das duas sessões que para aqui mobilizamos.

Metodologicamente o projeto de implementação da *BH* recorreu a uma metodologia participativa, dialogante e flexível (Ander-Egg, 2006). Reconhecendo na comunidade a força de suporte da investigação, a postura foi de observação participante recorrendo a instrumentos e técnicas que permitiram por um lado, a aproximação à rotina do equipamento cultural e, por outro, a apropriação de uma metodologia de inovação social (Biblioteca Humana). Definida como investigação qualitativa privilegiou-se a aplicação em campo de instrumentos de recolha de informação junto de livros e leitores (questionários e entrevistas), assim como as notas de campo da observação das interações. As informações assim recolhidas foram posteriormente objeto de análise de conteúdo, definindo categorias *a posteriori*.

“Quem vê caras, não vê profissões”

Quando falamos em estereótipos e comportamentos discriminatórios, um dos pontos de partida é a perceção. E esta foi a questão colocada a duas turmas de 9º ano da Escola na sessão de sensibilização para a *BH*: o que é ser normal? Entre as respostas sobre o que é normal e o seu contrário, citamos o “Ser igual aos outros”, como uma resposta paradigmática sobre o que é ser normal. Assim como “ser diferente dos outros” não é normal. Há uma confluência entre estas duas respostas que foram pistas para refletirmos sobre os comportamentos discriminatórios e pesquisarmos os livros que estariam disponíveis para con-

⁹ As bibliotecas municipais foram identificadas como uma das áreas de política cultural consideradas relevantes para analisar a incorporação da diversidade nas políticas culturais da cidade de Lisboa. <http://www.ceg.ul.pt/migrare/publ/MigrarePaper06.pdf>

¹⁰ A sessão inaugural com o público em geral ocorreu no âmbito do Festival Muro 2017.

sulta na visita à Biblioteca.

A partir do mote “De perto ninguém é normal”¹¹, explorado na sessão de sensibilização, os possíveis conceitos de normalidade foram delimitados para desconstruí-los, no sentido de facilitar a compreensão da pertinência de uma metodologia de inovação social, como a *Biblioteca Humana* com aquele público inaugural e específico.

Dando continuidade à temática em exploração na escola definiu-se que o tema para a sessão exploratória seria as profissões, “Quem vê caras, não vê profissões”, e esclarecemos que, inicialmente, a seleção das profissões foi norteada pelo critério da estereotipagem, mas após reflexão, o catálogo representou um “acervo” dirigido a profissões que, à partida, não seriam pensadas pelos alunos enquanto alternativa.

Na sessão exploratória, na estruturação da implementação, os alunos assumiram a posição de “leitores”, e escolheram, num catálogo, os “livros humanos” que gostariam de ler. Os alunos optaram, de forma voluntária, por se organizar numa leitura coletiva, em grupos que variavam entre três a cinco elementos, embora inicialmente tivesse sido avançada a possibilidade da leitura de “um para um”.

Uma seleção de livros diversificada e representativa das profissões na comunidade e na cidade, permitiu uma relação entre livros humanos e leitores num ambiente de interatividade e, mais importante, barreiras foram suspensas. Na sessão “Quem vê caras não vê profissões” foi possível requisitar os seguintes livros: DJ, tatuador, programador de jogos, bibliotecário, sociólogo, jornalista, professora universitária, atriz e antropólogo.

Os resultados obtidos, mostram-nos que após a participação como leitores na *BH* na Biblioteca de Marvila, os alunos experimentaram, aprenderam e desmistificaram ideias pré-existentes sobre as profissões – um itinerário para a integração (tabela 1).

Experimentar	“Gostei de falar” “Experiência muito boa. Foi bom conhecer aquelas pessoas e suas histórias de vida”
Aprender	“Aprendi muito sobre o teatro e o que se faz” “Aprendi que posso ter uma vida melhor”
Desmistificar	“Sim, com o bibliotecário. Pensei que a profissão seria uma “seca” e afinal é totalmente diferente.” “Aprendi a ajudar mais pessoas e não julgar as pessoas pela aparência.”

(Fonte: Questionários aplicados aos alunos após a sessão exploratória)

Tabela 1. - Vivências dos Leitores na sessão *Quem vê caras, não vê profissões*

A frase “Aprendi a ajudar mais pessoas e não julgar as pessoas pela aparência”, merece destaque, na medida em que é representativa do objetivo da *Biblioteca Humana* (“Don’t judge a book by its cover”),

¹¹ Da música “Vaca profana” da autoria de Caetano Veloso.

o combate ao preconceito, estereótipo e discriminação. Neste sentido, parece importante sublinhar que as profissões que os alunos identificaram inicialmente como potenciais livros (polícia, bombeiro e cantor foram os mais citados), ainda que diversificadas, revelavam que a proximidade, o meio em que habitam, é uma variável que necessita de ser explorada.

“Não julgue o livro pela capa”

A primeira sessão permitiu a avaliação da iniciativa em diversos campos, ajustando debilidades e fortalecendo potencialidades como é o caso do “livro tatuador” que se transformou na imagem da implementação da *Biblioteca Humana* na Biblioteca de Marvila, participando na qualidade de livro Tatuado.

O objetivo da Biblioteca Humana é engendrar a compreensão de que compartilhamos nossas comunidades com pessoas de todos os setores da vida e que algumas dessas pessoas estão sujeitas a preconceitos e discriminação. A Biblioteca Humana desafia os estereótipos e os preconceitos que podem formar opiniões em qualquer um de nós (Human Library, 2016).¹²

Neste sentido, os “livros” que compuseram o catálogo desta sessão respeitaram outra diretiva de implementação: pelo menos cinco grupos dos nossos sete pilares de preconceitos devem estar incluídos.

Para nós, eles são etnia, religião, sexualidade, ocupação, status social, estilo de vida e saúde e deficiências¹³.

Inicialmente, duas linhas de orientação surgiram para o recrutamento dos livros: pessoas que representassem preconceitos, estereótipos, discriminação referentes à freguesia de Marvila: mãe solteira; cigano; desempregado; grafiter; rapper. Justificam-se os três primeiros por serem representativos do tecido social local e os dois últimos por estarem associados à programação de verão (Cultura Hip Hop) da biblioteca em 2016. Assim, foram disponibilizados nesta sessão mais cinco livros que se vieram juntar ao livro Tatuado: *Obesa; Mulher Trans; Pessoa com Deficiência; Discriminação Racial e Vítima de Violência*.

Para esta sessão procurou-se ainda potencializar a arquitetura do edifício, na medida em que a transparência dos vidros separadores entre a entrada principal e o andar térreo propiciava uma aproximação para conhecer o público, despoletando o seu interesse para a sessão. O próprio *roll-up* disposto propositadamente na entrada da biblioteca, com a referência a *Biblioteca Humana* convidava ao questionamento daqueles que chegavam: mas o que é uma *Biblioteca Humana*?

¹² Texto original disponível em <https://towson.libguides.com/tuhumanlibrary/overview>

¹³ Na candidatura os “livros” previamente selecionados foram: mãe solteira; cigano (feminino e masculino); desempregado; grafiter; rapper; obeso; refugiado; sem abrigo; gay; lésbica; pessoa com deficiência.

Explicitado, de forma breve, o conceito, os potenciais leitores eram convidados a consultar o catálogo e experimentar a metodologia. Assumido o papel de leitor, e após consulta do catálogo, escolhiam o livro que gostariam de ler, recebiam o cartão de leitor, os direitos dos leitores e o questionário a ser preenchido no final da experiência. De seguida eram encaminhados, por voluntários, para os postos de leitura dispostos no andar térreo.

Os “livros” permaneceram resguardados no *book lounge*¹⁴, na sala José Gomes Ferreira, onde poderiam interagir com os outros livros enquanto esperavam para serem “requisitados” pelos leitores. Há uma especial atenção da metodologia à segurança quer física, quer emocional dos “livros” humanos: “Cada vez que os livros retornam de um empréstimo, o coordenador certifica-se que eles estão bem e conversa com eles sobre a sessão... Livros precisam de pausas e o coordenador em cooperação com os bibliotecários precisa garantir que os livros não sejam excessivamente expostos.”¹⁵. No caso da implementação na Biblioteca de Marvila, os procedimentos referidos foram aplicados de forma global e após serem requisitados, os “livros” eram conduzidos, pelos voluntários ao encontro dos *seus* leitores, aos postos de leitura.

A riqueza da experiência é inequívoca, pelo seu impacto e originalidade, a imagem do “livro” que caminha ao encontro do seu leitor. Neste encontro (mágico), os livros e os leitores relacionam-se num “período de empréstimo” de mais ou menos 30 minutos num ambiente aberto, acolhedor, seguro e respeitador, com a oportunidade de ouvir, fazer perguntas e partilhar experiências. Sendo que, numa dinâmica de perguntas e respostas (Q&A), os “livros” normalmente abrem a conversa com cinco minutos de introdução ao seu tópico e tentam prover uma visão das suas experiências, dando ao leitor a oportunidade de buscar a informação que lhe interessa.

No caso dos leitores de uma Biblioteca Humana, a experiência aproxima-se do “espanto” de uma primeira vez, já com uma história prévia assente no processo de alfabetização, mas que envolve outras competências e disponibilidades. Para compreender, como os leitores se posicionaram nesta experiência, elegemos a entrevista como principal fonte de recolha de dados, definindo as seguintes dimensões para análise: expectativas; experiências; repercussões.

Por expectativas, entende-se as ideias suscitadas pelo nome da ação *BH*, ficando claro pelas entrevistas que o conceito não oferece subsídios para o seu entendimento de forma instintiva. Conclui-se que a mera associação de conceitos, biblioteca+humana, sendo os participantes dotados de recursos para compreender de forma separada os seus significados, quando combinados, suscitaram dúvidas.

Por sua vez, as repercussões são inerentes à experiência de serem leitores numa *BH* em diálogo com o equipamento cultural que a sub-

¹⁴ O *book lounge* é o local onde os livros são mantidos até o próximo leitor os solicitar. Consultado em: The Human Library™ Book Depot.

¹⁵ *Idem*.

sídia (Biblioteca de Marvila) e organizam-se em dois momentos: o da leitura e um mês após. Os leitores responderam a questionários de forma anónima na sequência da leitura e na entrevista foi lhes solicitado que recordassem a experiência no dia e, um mês depois, no sentido de identificar as repercussões possíveis da experiência. Institui-se, aqui, uma ligação com a memória dos participantes – variável pertinente ao considerarmos o objetivo da metodologia: o combate ao preconceito, ao estereótipo e à discriminação.

Para uma melhor análise do conteúdo, as respostas mais relevantes dos leitores foram organizadas, na figura 1, de acordo com as seguintes dimensões: *intimidade, aprendizagem e quotidiano*.

INTIMIDADE	APRENDIZAGEM	QUOTIDIANO
<ul style="list-style-type: none"> • Nós estamos pouco habituados, hoje em dia, a haver contatos tão próximos com estranhos. (LD) • E uma estratégia de tocar as pessoas de uma forma direta e pessoal e íntima também, essa relação de intimidade com o livro. (LC) • Foi muito surpreendente o desenrolar da conversa porque a conversa foi muito mais sobre a vida pessoal dela do que a vida profissional e eu não estava nada a espera. (LA) • Nós ficamos íntimos. O que eu sinto é que nós ficamos íntimos. (LPC) 	<ul style="list-style-type: none"> • Fiquei fascinada pela história dele, pela postura dele. Fiquei cheia. Foi uma história que me preencheu, foi um encontro que me preencheu e de tal forma que eu não queria que terminasse ali. (LD) • Eu acho que é essa uma das coisas que aconteceu com essa bailarina, e eu já dancei muitas vezes, já danço há muitos anos, e aquilo que ela esteve a falar, uma série de coisas, eu quando fui fazer a aula aquilo foi muito útil. (LA) • Queria também não só estabelecer este diálogo de saber como é que ela vivia isto, mas também de eu própria poder partilhar a minha experiência também. (LC) 	<ul style="list-style-type: none"> • Foi de fato um encontro privilegiado que eu não vou esquecer tão depressa e fiz questão nos dias a seguir falar a toda gente e de mostrar as fotografias ... continua a fazer eco um mês depois. (LD) • ... ainda há pouco tempo falei da Sofia (Livro Obesa) ... Esta relação de pensar. Como é que está a Sofia... (LC) • Claramente, eu olho para as tatuagens de outra maneira completamente diferente, sou muito mais atenta. (LPC)

Figura 1. - Vivências dos leitores na sessão Não julgue o livro pela capa

Fonte: Entrevistas aos leitores: LA (Leitora Antropóloga); LC (Coreógrafa/ Professora de Dança Contemporânea); LD (Leitora Diretora); LPC (Leitora Programadora Cultural).

Um ponto a ser sublinhado é a comprovação do facto de que é preciso viver a experiência, por um lado, e que a replicação da experiência pela palavra, ou seja, contada e não vivenciada diminui a sua potencialidade. Poderá gerar curiosidade, por certo, mas há obstáculos que devem ser considerados: algumas pessoas ficaram curiosas com o projeto (LD). No caso da leitora que leu o *Livro Tatuado*, a repercussão da experiência encontrou o silêncio como resposta (Silêncio. Eu encontrei muitas vezes silêncio). Poderemos entender que, associado ao silêncio, está intrinsecamente o preconceito – velado, mas ainda assim preconceito.

A integração é um processo e, neste sentido, cabe o percurso percorrido pelo “livro tatuador/tatuado” – não só por ser o elo de ligação entre as várias sessões e públicos, mas especialmente pela perspetiva renovada que nos traz de um território tradicionalmente estereotipado. Leituras inclusivas e acolhedoras sugerem novas leituras do mundo:

esta narrativa inaugural foi construída por leitores a partir das leituras dos livros humanos no âmbito da BH. Incluir significa também modificar a maneira como o cotidiano é pensado e vivido. Neste sentido, os leitores relataram ter vivido: i) experiências de intimidade; e, ii) aprendizagem e rotinas modificadas pela leitura de livros humanos.

As narrativas recolhidas, junto daqueles que viveram a experiência na primeira pessoa, permitem ainda identificar características da metodologia e avaliar a experiência pelos efeitos relatados (figura 2). De imediato, os testemunhos nos transportam para as potencialidades da BH para gerar processos que mobilizam a comunidade: (i) pela aproximação ou o estabelecimento de pontes com outras linguagens artísticas, que ultrapassam as paredes da Biblioteca de Marvila; (ii) pela construção de diálogos entre livros e leitores e pelos efeitos que estes podem ter na forma de interagir na diversidade; (iii) pelos livros “pessoas” como mediadores com os leitores, com os espaços e com a comunidade no sentido em que o conteúdo das páginas que se abrem tem efeitos multiplicadores na desconstrução de preconceitos; (iv) pela natureza de uma intervenção artística que coloca em relação pessoas e livros, que também são pessoas, e que permite transpor barreiras e desconstruir preconceitos de dentro para fora da comunidade, mas também no sentido inverso, de quem vem do exterior e transporta uma imagem negativa da comunidade e do território. Validamos a experiência da *Biblioteca Humana* como metodologia para a (re)construção de uma comunidade num território de vulnerabilidades e a Biblioteca de Marvila como o equipamento cultural facilitador dos diálogos potenciadores desta intervenção.

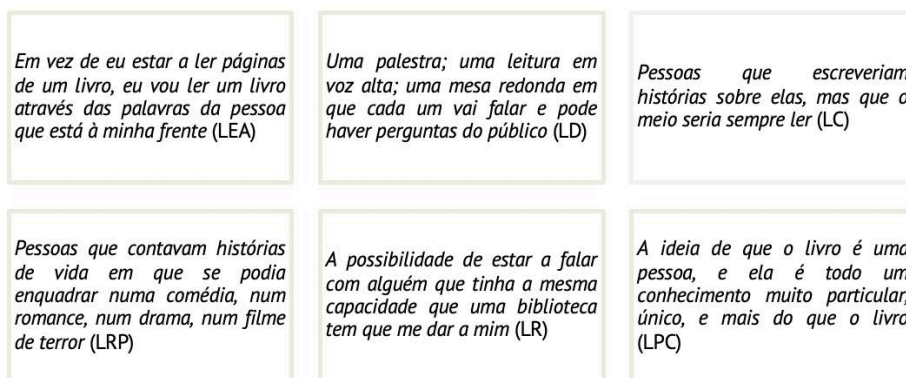


Figura 2. - Narrativas de leitores na BH

Fonte: Entrevistas aos leitores: LC (Coreógrafa/ Professora de Dança Contemporânea); LD (Leitora Diretora); LEA (Leitora Engenheira Ambiental); LPC (Leitora Programadora Cultural); LR (Leitor Reformado); LRP (Leitora Relações Públicas).

Para finalizar, situamos ainda a BH como uma nova solução ou uma ferramenta para a transformação, orientada para a resolução de problemas coletivos, originados nos diversos setores, privado, público e sociedade civil ou na sua interconexão, onde os atores intervêm em

rede de forma participativa, visando satisfazer as necessidades não atendidas nem pelo mercado nem pelo Estado, promovendo a inclusão social e emancipação dos indivíduos, transformando as condições de desenvolvimento de um determinado território (Pacheco & Santos, 2018). No que diz respeito ao primeiro ponto deste conceito (uma nova solução ou uma modificação de algo já existente), as respostas dos leitores sobre as expectativas a partir do conceito de uma biblioteca que é humana são claras, identificando a inovação da metodologia. Embora reconheçam pontos de contato com a leitura de um livro convencional, identificam originalidade na experiência.

Notas Finais

Na gênese do conceito *Biblioteca Humana* há uma oportunidade de encontro com o outro, num enquadramento controlado e saudável, facilitador da construção de laços, fundamentais para re(construir) a nossa forma de estar no mundo (Lima, 2018). É inequívoco que “as identidades pessoais podem ser vistas como as histórias que construímos e contamos” (Lima, 2018, p.19). Sendo que “os outros são ainda uma fonte importante de construção da nossa identidade porque nascemos numa sociedade que nos diz o que tem valor e o que não presta” (Lima, 2018, p.25).

Nesta nova cartografia, tomando as palavras de Manguel (2015), em que conseguimos imaginar um caminho a partir do que já foi traçado, anteriormente, incorporando a história prévia do território, criando um chão comum, a *Biblioteca Humana* em relação com a Biblioteca de Marvila, foi possível a criação e projeção de novos espaços de vivência. Pela originalidade da proposta, que cativa, e pela natureza da Biblioteca de Marvila, que se apresenta enquanto um centro cultural de proximidade, suscitam-se novas cartografias nos usos do espaço.

Sendo a proximidade, o elo de ligação entre duas bibliotecas em prol de uma comunidade. A ideia de que há uma “história prévia” pessoal que é necessária ser não só respeitada, mas convocada para o jogo da relação, dialoga ainda com a ideia de inovação social - a criação de novas soluções mobilizando os indivíduos, que de forma colaborativa, pensam e desenham respostas às necessidades sociais. Neste sentido, a *BH* enquanto estratégia de inovação social, que caracteriza este projeto, poderá ser entendida como uma ferramenta para a transformação social.

Pelas conclusões da análise dos instrumentos de avaliação eleitos, estamos agora em condições de afirmar que a *BH* reforçou o lugar da

Biblioteca de Marvila enquanto ponte com a comunidade em que está inserida: afirmando a identidade local e ampliando a oferta cultural. Confirma-se assim a problemática de partida que orientava no sentido de compreender as potencialidades da BH, enquanto estratégia de dinamização de um equipamento cultural, que potencia a desconstrução de estereótipos, estigmas e comportamentos preconceituosos associados a pessoas ou territórios de vulnerabilidade social.

Naturalmente, e pelo tempo relativamente curto de implementação de um processo desta natureza e também pelo pouco tempo de implementação da Biblioteca de Marvila, compete-nos afirmar que o processo ainda está em curso e que as bases do equipamento quer sejam estruturais, quer sejam simbólicas estão em construção.

Como metodologia de intervenção num território de vulnerabilidade social a *Biblioteca Humana* constitui-se como uma original e criativa forma de reconhecimento do outro como interlocutor essencial na construção de uma sociedade em que “lugares comuns” são identificados e partilhados, não obstante a herança social ou de um certo determinismo. A análise de conteúdo das entrevistas aos leitores, além do reconhecimento da inovação social associada à metodologia, permite compreender a BH como uma estratégia potenciadora de vivências de alteridade positivas assentes no respeito e valorização da “história prévia” de cada um.

Referências

Almeida, V. F. (2018). *Equipamentos culturais como mediadores na intervenção comunitária. A Biblioteca Humana e a Biblioteca de Marvila em relação por uma comunidade* (Dissertação de mestrado não publicada). Instituto Politécnico de Lisboa, Escola Superior de Educação, Lisboa Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.21/9659>

Ander-Egg, E. (2006). *Metodología y Práctica de la Animación Sociocultural*. Madrid: Editorial CCS.

Bosi, C. (1992). *Entre a opinião e o estereótipo*. Novos Estudos. CE-BRAP, 32.

Câmara Municipal de Lisboa (2012). *Programa Estratégico Biblioteca XXI. Proposta de requalificação da rede de biblioteca municipais de Lisboa*. https://www.lisboa.pt/fileadmin/cidade_temas/cultura/documentos/Programa_estrategico_bibliotecas_XXI.pdf

Câmara Municipal de Lisboa. (2017). *Estratégia de Cultura para a Cidade de Lisboa 2017*. Lisboa. https://www.lisboa.pt/fileadmin/cidade_temas/cultura/documentos/ESTRATEGIA_CULTURA_LISBOA_2017.pdf

Conselho da Europa. (2011). *Living Library Organiser's Guide 2011*. <https://www.coe.int/en/web/youth/living-library>

Fonseca, M. L.; Amaro, M.; Pereira, S. & Esteves, A. (2011). Imigração, Diversidade e Política Cultural em Lisboa. *Coleção Migrare Working Papers* (pp. 58-59). Lisboa: Centro de Estudos Geográficos, IGOT, UL. <http://www.ceg.ul.pt/migrare/publ/MigrarePaper06.pdf>

Guerra, I. (2002). *Fundamentos e processos de uma Sociologia de ação – O planeamento em Ciências Sociais*. Estoril: Principia.

Human Library. (2021). Unjudge Someone. <https://humanlibrary.org>

Lima, M. (2018). *Nós e os outros. O poder dos laços sociais*. Fundação Francisco Manuel dos Santos: Lisboa.

Manguel, A. (2015). *Uma história da curiosidade*, Lisboa: Tinta da China.

Nunes, J. P & Sequeira, A. (2012). *O Fado de Marvila. Notas sobre a origem citadina e o destino metropolitano de uma antiga zona industrial de Lisboa*. <http://journals.openedition.org/sociologico/382>

Pacheco, A. & Santos, M. J. (2015). Inovação social: proposição de um modelo de análise. In M.J. Santos & F.M. Seabra (Coords.). *Inovação Social e Desenvolvimento: Reflexões e Estudos de Caso*. Editora Rh: Lisboa

Rede de Bibliotecas de Lisboa (2021). *Manifesto da IFLA/UNESCO sobre Bibliotecas Públicas*. <https://blx.cm-lisboa.pt/publicacoes/>

Silva, A. M., Morgado, M. & Arau Ribeiro, M. C. (2016), Mediação intercultural e território: estratégias e desafios. In Alto Comissariado para as Migrações, I. P. (coord.), *Entre iguais e diferentes*. Atas das I Jornadas da Rede de Ensino Superior para a Mediação Intercultural (pp. 9-29). Lisboa: Alto Comissariado para as Migrações, I.P.

Velho, G. (2001). *Mediação, cultura e política*. Rio de Janeiro: Aeroplano. <https://docs.google.com/file/d/0B5aZ2ta5v6yJb2NOZ25aTUZSVk/edit>